

As bem-aventuranças no sermão das montanhas do evangelho de Mateus (Mt 5,1-12)

Resumo

As Bem-aventuranças no Evangelho de Mateus oferece à comunidade receptora a possibilidade de viver a plenitude do projeto de Jesus Cristo, onde, a partir do seu contexto histórico-humano pode-se viver as virtudes do Evangelho. Em Mateus, a esperança escatológica é parte inerente do presente e a promessa do “Reino dos Céus” se realiza no “hoje da comunidade”. Esta pesquisa tem como objetivo oferecer aos leitores da *Revista Argumenta Biblica Theologica* uma leitura crítica, acadêmica e comprometida das Bem-aventuranças no Sermão das Montanhas de Mateus e para isso a pesquisa se sustenta metodologicamente em uma base teórica cuja bibliografia elencada possibilita o alcance do objetivo proposto. Portanto, as Bem-aventuranças no Sermão da Montanha se constituem como uma diretriz ética, que os discípulos e a multidão estão convidados a observar e viver no cotidiano da vida. Na “montanha” esses ensinamentos de Jesus encontra sua legitimação e se vislumbra como mensagem teológica para a contemporaneidade.

Palavras chave: Felicidade, Esperança, Bem-Aventuranças, Reino dos Céus, Montanha.

Las Bienaventuranzas en el sermón del monte del Evangelio de Mateo (Mt 5,1-12)

Resumen: Las Bienaventuranzas en el Evangelio de Mateo ofrece a la comunidad receptora la posibilidad de vivir la plenitud del proyecto de Jesucristo, en el que, desde su contexto histórico-humano, es posible vivir las virtudes del Evangelio. En Mateo, la esperanza escatológica es parte inherente del presente y la promesa del “Reino de los Cielos” se realiza en el “hoy de la comunidad”. Esta investigación tiene como objetivo ofrecer a los lectores de la *Revista Argumenta Biblica Theologica* una lectura crítica, académica y comprometida de las Bienaventuranzas en el sermón del monte de Mateo y para eso este trabajo se sostiene metodológicamente en unas bases teóricas cuya bibliografía posibilita el alcance del objetivo propuesto. Por lo tanto, las Bienaventuranzas en el sermón del monte se constituye como una directriz ética, que los discípulos y la multitud están invitados a observar y a vivir en la vida diaria. En la “montaña” esas enseñanzas de Jesús encuentra su legitimación y se vislumbra como mensaje teológico para los días de hoy.

Palabras clave: felicidad, esperanza, Bienaventuranzas, Reino de los Cielos, montaña.

The Beatitudes in the Sermon of the Mountain of the Gospel according Matthew (Mt 5,1-12)

Abstract: The Beatitudes in the Gospel of Matthew offers to the receiving community the possibili-

ty of living the fullness of the plan of Jesus Christ, where it is possible to live the virtues of the Gospel within its historical and human context. In Matthew, eschatological hope is inherent part of the present and the promise of the Kingdom of Heaven is realized in the community today. This research has as objective, for the readers of the *Argumenta Biblica Theologica Magazine*, a critical, academic and committed reading of the Beatitudes in the Sermon on the Mountains of Matthew. For this, methodologically this research is based on a theoretical basis whose bibliography make it possible to reach the proposed objective. Therefore, the Beatitudes in the Sermon on the Mountains of Matthews is an ethical guideline, that the disciples and the multitude are invited to observe and live in daily life. In the "Mountains", these teachings of Jesus find its legitimation and are seen as a theological message for the presente day.

Keywords: Happiness, Hope, Beatitudes, Kingdom of Heaven , Mountain.

Aproximações preliminares ao Evangelho de Mateus

Alguns dados relevantes para uma melhor compreensão das bem-aventuranças em Mateus residem no "lugar" onde, possivelmente estaria sendo escrito o Evangelho de Mateus. Não é um fator extremamente determinante, porém nos ajudam a perceber, com mais lucidez as características marcantes, que estão presentes nos personagens ou sujeitos das Bem-Aventuranças.

Segundo Ulrich Luz (1993) Antioquia não é a pior hipótese para determinar o lugar dos escritos do evangelho de Mateus. Pode-se demonstrar que Ignácio de Antioquia utilizou ali o evangelho de Mateus pouco depois do ano 100. Também se pode compreender em Antioquia as possíveis afinidades com a primeira Carta de Pedro. O evangelho de Mateus procede, pois, talvez de uma comunidade antioquenha. Para Warren Carter (2002),

existem boas razões para pensar que o Evangelho de Mateus foi escrito na cidade de Antioquia, na província romana de Síria, nas últimas duas décadas do primeiro século, fundada, aproximadamente no ano 300 a.C. por Seleuco I. Antioquia, sendo a capital da província romana da Síria com uma população estimada entre 150.000 e 200.000 habitantes, (sendo que entre 5 a 10 por cento da população controlava a vida da cidade para a sua própria vantagem, e a não-elite, compreendendo um leque desde os indigentes até os um pouco ricos, que serviam as necessidades da elite), se mantinha coerente com a prática romana e era o ponto de convergência para várias rotas comerciais principais (pp. 34-38).

Carter (2002) afirma que:

(...) eram notáveis os grandes latifundiários, cuja riqueza provinha de seu controle sobre a terra e matérias-primas. Enquanto alguns ricos consideravam o comercio como inferior e via a riqueza proveniente das terras como preferível, o comercio, no entanto, parece ter proporcionado uma fonte subsidiária de renda (p. 39).

Nota-se que a terra, definida como fonte de ingresso, através da especulação e acumulação, garantia o poder social, econômico e político para os que as possuíam, numa sociedade, como vimos anteriormente, altamente desigual, hierárquica, vertical e hostil a não elite. Segundo Carter (2002):

A elite cidadina controlava a terra e as aldeias rurais circundantes, e obtinha riqueza, lucrava mediante práticas econômicas predatórias ou tributarias, isto é, alugueis (para o uso da terra),

juros sobre empréstimos, penhora e impostos (sobre vendas, gados, produtos). Além dessas exigências urbanas, os camponeses também tinham de suprir as necessidades familiares, prover uma reserva e adquirir sementes para o cultivo do próximo ano (p. 45).

Apesar da luxúria exacerbada vivida pela elite, de suas imponentes residências e de seus templos, àgoras e coliseus, Antioquia também apresentava outra fisionomia contrastante com a primeira. Isto é, as condições de vida não era a mesma para os pobres. Carter (2002) citando a Rodney Stark (*Urban Chaos and Crisis*) apresenta um quadro sumarizado da vida em Antioquia:

Todo quadro preciso de Antioquia na época do Novo Testamento deve descrever uma cidade cheia de miséria, perigo, medo, desespero e ódio. Antioquia era uma cidade onde a família comum vivia uma vida pobre e sórdida em quartos apertados e sujos, onde pelo menos a metade das crianças morria no nascimento ou durante a infância, e onde a maioria das crianças que sobreviveram perderam ao menos um dos genitores antes de alcançar a maturidade. A cidade estava cheia de ódio e medo surgidos nos intensos antagonismos étnicos e exacerbados por um constante fluxo de estrangeiros. E, talvez acima de tudo, Antioquia tenha sido repetidamente esmagada por catástrofes cataclísmicas (p. 47).

Entre essa realidade de Antioquia da Síria se situa a audiência à qual se dirigiu o evangelho de Mateus, e possivelmente onde também poderia ser gestado o próprio evangelho. Considerando os “sujeitos” das Bem-Aventuranças, poderíamos inferir proposições ou afirmações que se tratasse dos “sujeitos marginalizados” do contexto social, econômico e político de Antioquia. Porém, isto não seria verdadeiro para todo o Evangelho de Mateus. Contudo, resta saber se a audiência de Mateus estava constituída predominantemente por grupos marginais involuntários ou também se contava com a presença de outros extratos sociais. Carter (2002) sugere que, o Evangelho legitima uma identidade e estilo de vida marginais para a comunidade de discípulo, porém há de se compreender o que significa falar de “marginais” e cita a Robert E. Park (1928) e E. V. Stonequist (1937): “apresentamos a marginalidade como a experiência de viver simultaneamente em dois mundos culturais antagônicos diferentes, sem pertencer completamente a nenhum deles. Estes mundos culturais podem consistir em tradições históricas, linguagens, fidelidades políticas, códigos morais ou religiões” (p. 72).

As Bem-Aventuranças, no Sermão da Montanha, se apresenta como um catálogo de virtudes aos “sujeitos” pobres e despossuídos, humildes e que choram, aflitos, que tem fome e sede de justiça, que são perseguidos e que promovem a paz. As virtudes se constituem como bem-aventuranças ou felicidade, e a recompensa será o Reino dos céus, a consolação, a terra, a justiça, a misericórdia, e serão chamados filhos de Deus.

O Sermão da Montanha

O Sermão da Montanha se constitui como um dos grandes blocos discursivo de Jesus (5,1-7,29) e que se aproxima do Sermão da Planície de Lucas 6,20-49, porém mantendo muitos elementos que se distinguem entre si.

Para alguns autores, como Daniel J. Harrington em seu artigo em *Comentário Bíblico* organizado pelos autores Diane Bergant e Robert J. Karris (1999):

Mateus juntou os ditos tradicionais e os expressou em um epítome do ensinamento de Jesus, com a seguinte estrutura: A parte introdutória (5,1-20) descreve os que são felizes (5,3-12), o papel dos

discípulos (5,13-16) e o papel de Jesus (5,17-19). A segunda parte principal (5,21-48) contrasta a santidade ou a justiça dos especialistas, na interpretação veterotestamentária (os escribas), e a santidade ou justiça ensinada por Jesus. A terceira parte (6,1-18) adverte contra a santidade puramente exterior, cultivada por grupos como o dos fariseus, e a quarta parte (6,19-7,29) dá mais conselhos aos cristãos em sua busca da santidade (p. 17).

A montanha é, presumivelmente, o lugar teológico por excelência da revelação de Deus. É parte da tradição veterotestamentária. Possivelmente se trata de uma montanha na Galiléia, cujos destinatários são os discípulos e a multidão (Mateus 5,1; 7,28), isto é, um público que supera o círculo íntimo dos seguidores de Jesus. Isto é comprovado se observamos os versículos anteriores da pericope do início da missão de Jesus e o chamado aos discípulos (Mateus 4,17-22), que evoca a uma ampla geografia, multidões e pedagogia (Mateus 4,23-25) de Jesus. Ulrich (1993) afirma que:

A montanha é em Mateus lugar de oração (Mateus 14,23), de cura (Mateus 15,29), de revelação (Mateus 17,1; 28,16) e de ensino (Mateus 24,3). O sermão da montanha tem, pois, em certo modo dois círculos concêntricos de ouvintes: os discípulos e o povo. O sermão da montanha é uma ética para o discipulado, porém esta é válida também para todo o povo que escuta (p. 276).

Existem muitas especulações a respeito do conteúdo do Sermão da Montanha, porém, trata-se de ensinamentos (Mateus 5,2; 7,29) e doutrinas (7,28), na perspectiva do querigma e da didaquê, talvez como “princípios de ética cristã, conselhos de perfeição, ensinamentos de Jesus, exigências de Jesus ao discipulado, que pressupõem a experiência pessoal de Jesus e a Boa Nova do Reino que está próximo (Mateus 4,17)” (Bergant, Karris, 1999, p. 17) evocando assim sua autoridade em completo contraste com os ensinamentos dos escribas (Mateus 7,29); ou também, segundo Ulrich (1993) o sentido do sermão da montanha em Mateus está em que:

Mateus aponta à práxis cristã; o evangelho das obras é expressão da graça, isto é, o sermão da montanha é uma exigência, um imperativo; o sermão da montanha conjuga o preceito central do amor com outras exigências exemplares de Jesus; o sermão da montanha afeta todo o mundo através da pregação dos discípulos; o sermão da montanha conduz ao cumprimento da lei e os profetas e, finalmente, o sermão da montanha formula as exigências de admissão no reino dos céus (pp. 263-266).

As Bem-Aventuranças

Depois de traçar um perfil geral do Sermão da Montanha em Mateus, nos aproximaremos, agora, ao texto das Bem-aventuranças (Mateus 5,1-12), que encontrará seu paralelo em (Lucas 6,20-23).

As Bem-aventuranças se constituem como anúncio da felicidade. Segundo Jacques Dupont (1993) “as bem-aventuranças é uma fórmula de felicitações, que encontramos muitos exemplos nos evangelhos, como em Lucas 1,45; Lucas 11,27-28; Mateus 11,6, etc. Não se trata de um desejo ou de uma promessa. Se constata a felicidade e se proclama” (p. 7). As bem-aventuranças também é um tema presente na tradição veterotestamentária. Daniel J. Harrington em seu artigo em Comentário Bíblico organizado pelos autores Diane Bergant e Robert J. Karris (1999) diz que:

(...) a bem-aventurança é uma forma literária comum no livro veterotestamentário dos Salmos. Ali pessoas ou grupos são declarados bem-aventurados ou felizes (cf. Salmos 1,1; 32,1-2; 41,1; 65,4; 84,4-5; 106,3; 112,1; 128,1). As bem-aventuranças mateanas diferem dos modelos veterotesta-

mentário em suas referências ao Reinado dos céus que está próximo e à inversão de valores humanos que o acompanham (p. 18).

Leitura de conjunto e algumas definições

Harrington (1999) oferece uma possibilidade de leitura de conjunto das bem-aventuranças mateanas:

O primeiro conjunto de bem-aventuranças (v. 3-6) proclama felizes os pobres de coração (espírito), aqueles cuja condição exige total confiança em Deus), os que choram, os mansos e os que tem fome e sede de justiça. Sua felicidade é, em grande parte, futura, mas também se estende ao tempo presente. Vivendo os valores do Reino dos céus aqui e neste momento, antecipam e compartilham a felicidade. O segundo conjunto de bem-aventuranças (v. 7-10) também culmina com uma referência à justiça, exatamente como o primeiro conjunto (cf. v. 6). Aqui é pronunciada uma bênção sobre os misericordiosos, os de coração puro, os que agem em favor da paz e os perseguidos por causa da justiça. A última bem-aventurança (v. 11-12) desenvolve o tema da perseguição por amor a Jesus e relaciona isso à perseguição sofrida por alguns profetas do Antigo Testamento (p. 18).

Carter (2002) citando a K. C. Hanson:

Relaciona as bem-aventuranças aos importantes valores de honra e vergonha. Esses valores afirmam condições e comportamentos que Deus enxerga como honrosas ou estimadas e que devem ser praticados pela audiência. As bem-aventuranças reconfortam aqueles que já experimentam as circunstâncias ou manifestam o comportamento particular que o favor de Deus é ou será sobre eles (p. 178).

Segundo Carter (2002) estas quatro bem-aventuranças (5,3-6), influenciado por Isaías 61,

descrevem não qualidades pessoais, mas situações de aflição ou infortúnio, que são honradas ou estimadas porque o reinado de Deus as revoga. As primeiras quatro bem-aventuranças criticam a tribulação política, econômica, social, religiosa e pessoal que resulta da elite poderosa que aprimora sua posição à custa dos demais. As quatro restantes, e a explicação elaborada nos vv. 11-12, se interessam por ações humanas que, inspiradas pela experiência do reinado de Deus nos vv. 3-6, são honradas ou estimadas porque expressam o reinado transformante de Deus até a consumação dele por Deus. Fundamental para todas as bem-aventuranças é o estabelecimento da justiça ou retidão de Deus (pp. 178-179).

Em relação a Lucas

As oito bem-aventuranças mateanas apresentam diferenças notáveis em relação a Lucas. Jerome Kodell Daniel em seu artigo em Comentário Bíblico organizado pelos autores Diane Bergant e Robert J. Karris (1999) apresenta alguns elementos de diferenciação:

A melhor explicação é que os dois evangelistas receberam um núcleo comum de material da tradição predicante, parte do qual já fora adaptado por diversas comunidades cristãs, e depois o modificaram conforme as necessidades de seus leitores. As bem-aventuranças de Lucas correspondem às primeira, quarta, segunda e oitava da lista de Mateus, mas com variações significativas. As bem-aventuranças de Mateus sugerem o que os discípulos de Jesus deveriam ser, em quanto as de Lucas descrevem o que eles realmente são. "Nas palavras de Segundo Galilea (1980, pp. 77-78) "Mateus não se refere tanto a 'quem' é bem-aventurado, mas sim 'como' é bem-aventu-

rado. Mateus ressalta as atitudes evangélicas do seguidor de Jesus e apresenta um programa de vida cristã. As bem-aventuranças de Mateus indicam um estilo de vida, um modelo de espiritualidade evangélica no mundo (p. 83).

Visualização do Texto de Mt 5,1-12

Estaremos usando uma tradução direta do Novo Testamento Grego “The Greek New Testament”. Aqui apresentaremos o texto traduzido de Mateus 5,1-12.

- v.1. Vendo, pois, as multidões, subiu para a montanha, e sentado ele se aproximou a ele os discípulos dele:
- v.2. E abrindo a boca dele ensinava-lhes dizendo,
- v.3. Felizes os pobres no (em o) espírito, porque deles é o reino dos céus.
- v.4. Felizes os aflitos (os que choram), porque eles serão consolados.
- v.5. Felizes os mansos, porque eles herdarão a terra.
- v.6. Felizes os famintos (os que tem fome) e sedentos (os que tem sede) de justiça, porque eles serão alimentados.
- v.7. Felizes os misericordiosos, porque eles serão misericordiadados².
- v.8. Felizes os puros no (em o) coração, porque eles a Deus verão.
- v.9. Felizes os pacificadores, porque eles filhos de Deus serão chamados.
- v.10. Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.
- v.11. Felizes sois quando a vos insultem e persigam e digam toda maldade contra de vós mentindo por causa de mim.
- v.12. Alegrai-vos e regozijai-vos porque o salário vosso muito é nos céus; deste modo, de fato perseguiram aos profetas antes de vós.

Comentário e análise do texto

Os versículos iniciais apresentam dois grupos que se constituem como destinatários das Bem-Aventuranças. Trata-se das multidões (τους ὄχλους) e dos discípulos (οἱ μαθηταί). Jesus vê (vendo) as multidões e logo vem a ação de subir à montanha (ἀνεβη εἰς τὸ ὄρος). Como já mencionamos antes, a montanha tem uma longa tradição veterotestamentária, como lugar da revelação de Deus. Seu termo correspondente em hebraico a *rh* (har), que significa *colina, outeiro, monte, montanha*. Segundo E. John Hamlin, no Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (Harris, Archer, Waltke, 1998)

a antiguidade, a majestade, o poder e a altura das montanhas que se erguiam até o céu, acima das nuvens, naturalmente levou os homens a associá-las aos deuses. O AT usa montanhas com conotações teológicas de pelo menos quatro modos diferentes. Primeiro, o Senhor é maior que as montanhas (Sl 65,6[7]; 90,2; 83,14[15]; 104,32; Is 40,12; 41,15; 40,4; 45,2; 49,11; 1Rs 19,11; Hc 3,6; Dt 32,22; Mq 1,4; Jô 9,5). Segundo, as montanhas são símbolos de poder (Jr 51,25, Zc 4,7; Dn 2,44). Terceiro, o Senhor dá ao seu povo um sentido de sua proximidade escolhendo montes para sua adoração e revelação (Ex 17,9; 1Rs 18,42; 3,4; Dt 11,27; 27,12; Js 8,33; 5,3; Gn 22,2; 1Sm 9,12; 7,1; 2Sm 6,3). Acima de tudo e de todos, porém, o Senhor escolheu a Sinai e Sião como os lugares onde se revelaria. Quarto, empregando a imagem das nações vizinhas, o AT denota a morada divina por referência à montanha do extremo norte (Sl 48,2; Is 14,12; Ez 28,11-19) (pp. 517-518).

No NT temos a montanha, segundo o Evangelho de Mateus, como lugar de oração em Mateus 14,23; de curas Mateus 15,19; de revelação Mateus 17,1; 28,16 e de ensino Mateus 24,3.

Como vemos o “lugar” onde Jesus se encontra, junto às multidões e seus discípulos tem muita relevância para o desenvolvimento posterior da narrativa. Jesus toma uma postura de mestre, isto é, está sentado (καθισαντος). Essa postura encontrará sua ação correspondente no versículo dois, isto é, quando ele abre sua boca e ensina (και ανοιξασο στομα αυτου εδιδασκεν αυτους). Mateus põem de destaque a alusão à história fundamental de Israel e da tradição veterotestamentária. Deus se manifesta agora (montanha) através de Jesus como se manifestou outrora no monte Sinai. Cabe analisar, porém a relação das Bem-aventuranças com as leis de Moisés. Porém, esta não é a nossa intenção.

A primeira Bem-aventurança situa os “pobres em (no) espírito” (οι πτοχοι τω πνευματι) como aventureiros na promessa do Reino dos Céus. Segundo o termo grego πτοχος se trata do pobre, depreciável, sem valor (ver Gal 4,9). Significa a total dependência da sociedade. “Na LXX, esse termo ocorre, mais ou menos 100 vezes, se emprega para as seguintes cinco palavras em hebraico: 37 vezes a *āni* (pobre, aflito, indigente, necessitado, campo econômico-social); 22 vezes a *dal* (pobre, falto, necessitado, classe humilde, sem meios, apesar de não enfatizar dor nem opressão); 11 vezes a *èbyôn* (estado de privação, pobre, necessitado, sem dinheiro ou recursos. Pobre no sentido material do termo) e 11 vezes a *rāsh* (fraco). Πτοχος ocorre 34 vezes no NT, mormente nos Evangelhos. Πνευμα significa espírito, ser interior, disposição, estado mental, experiência de Deus”. O dativo que rege a frase οι πτοχοι τω πνευματι possibilita uma tradução que pode concentrar o conteúdo de “pobre” no “estado de Espírito.” Não o pobre como um adjetivo do espírito, mas como uma atitude ou postura que emana do espírito por sua disposição e que se situa num espaço mais além do individual. Ulrich (1993) diz que,

é certo que a palavra “pobre” não designa em linguagem semita unicamente àqueles que carecem de dinheiro, mas sim, em um sentido mais amplo, aos oprimidos, miseráveis e humilhados, mas em nenhum caso unicamente um determinado tipo de religiosidade, nem unicamente uma pobreza interior desligada das circunstâncias externas (p. 286).

A promessa do Reino dos céus da primeira Bem-aventurança (no presente) aos pobres em espírito aparecerá na oitava Bem-aventuranças como promessa aos perseguidos por causa da justiça (no presente). Assim que, é bastante claro a relação entre a justiça (δικαιοσυνης) e pobre (πτοχος) para a consolidação do Reino de Deus na história.

A segunda Bem-aventuranças se refere aos “aflitos” (os que choram) que num futuro serão consolados. A tristeza ou aflição poderia ser causada por qualquer situação real deste mundo que poderia ser substituída no futuro, porém motivado pelo presente de aflição experimentada.

A terceira Bem-aventurança apresenta os mansos (πραεις: humilde, gentil) que herdarão a terra. Segundo Ulrich (1993),

os mansos possuirão a terra, e não só o país de Israel, pois a promessa tradicional sobre a terra havia sido transposto até o cósmico, mas não até o mais além, já que a promessa da terra deixa claro que o reino dos céus implica uma renovação deste mundo. (p.293)

As promessas da segunda, quarta, quinta e sétima Bem-aventuranças se encontram no futuro passivo. Isto é, trata-se dos verbos no futuro do indicativo, na voz passiva, terceira pessoa do plural: serão consolados, serão alimentados, serão misericordiadados, serão chamados filhos de Deus. Significa que os sujeitos (aflitos, ou os que choram [πενθουντες], famintos [πεινωντες], misericordiosos [ελεημονες] e fazedores da paz [ειρηνοποιος: designa algo ativo e não meramente uma

disposição à paz]) se lhes garantem, desde o presente, o prêmio no futuro. Isto é distinto na primeira e na oitava Bem-Aventurança, onde a recompensa do reino dos céus já está no presente (αυτων εστιν η βασιλεια των ουρανων).

Entre as promessas do “futuro passivo” encontramos a sexta Bem-Aventurança. Trata-se dos “puros de coração”: (οι καθατοι τη καρδια) e a promessa (sistema de futuro, voz média, terceira pessoa do plural, no acusativo, τον θεον οψονται) que verão a Deus. Ulrich (1993) diz que:

Limpo de coração ou de coração limpo é uma expressão judaica que procede da espiritualidade veterotestamentária dos Salmos (Sl 23,4; 50,12; 73,1; [texto Hebraico]). O “coração” designa, em linguagem judaica, o centro do querer, pensar e sentir humano. A promessa tem sentido escatológico, como nas restantes das Bem-Aventuranças. O judaísmo, como o cristianismo primitivo, espera que Deus possa ser contemplado cara a cara no *esjaton*. Então desaparecerá a distância e o enigma de Deus. A visão de Deus que se dá ao espírito, ao coração purificado não acontece somente pelos propósitos e vontade humana, mas mediante a ajuda de Deus. E Além da possibilidade de ver já a Deus indiretamente nesta vida, há sempre em toda a tradição exegética a esperança da visão definitiva para aqueles que se submergem em Deus (p. 296).

A *nona* Bem-Aventurança, que se estende da oitava, especifica a perseguição por causa da justiça (οι δεδιωγμενοι ενεκεν δικαιοσυνης), isto é, pode se referir aos que cometem a ação (Eles: presente do subjuntivo, terceira pessoa do plural): quando insultem, quando persigam, quando digam toda a maldade). Porém, ao mesmo tempo, realçando os sujeitos que sofrem a ação (pronomes pessoais plural *συ* no caso acusativo [insultem, persigam a vós] e no caso genitivo [digam toda maldade e mentiras de vós]). A alegria e o regozijo são imperativos nas atitudes dos sujeitos que sofrem a ação nos versículos 11 e 12 das Bem-Aventuranças, colocando pela terceira vez, no presente, a recompensa no céu, como na primeira e a oitava Bem-Aventuranças.

Quanto a referência aos profetas perseguidos (Mateus 5,12), podemos encontrar um forte paralelo em Mateus 23,31-32, nas sete maldições contra os escribas e os fariseus: “Com isso testificais, contra vós, que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Completai, pois, a medida dos vossos pais” A referência aos perseguidos, nas Bem-aventuranças de Mateus, encontra seu paralelo também em Lucas 6,23b., entretanto, em Lucas se tem a impressão de que Jesus estaria já dialogando com os “filhos daqueles que mataram os profetas”, como em Mateus 23,31-32; porém diferentemente de Mateus 5,12b (perseguiram os profetas antes de vós). Para Ulrich (1993) “Lucas 6,23b poderia estar se referindo aos profetas do AT enquanto Mateus 5,12b fala como Q, isto é, da perseguição dos ‘profetas anteriores a vós’” (p. 301). Os profetas itinerantes revestem uma certa importância em Mateus. Isso é constatável em Mateus 10,41; 23,34-37. Tratando-se da tradição dos profetas itinerantes no NT podemos encontrar seu paralelo em Didaquê XI, quanto aos apóstolos e profetas itinerantes.

Como vemos a profecia exerceu lugar privilegiado na Bíblia e passou um longo processo de re-significação na história. Muitas re-leituras do AT são feitas no NT de acordo com a tradição profética, porém é possível encontrar um novo estilo de profecia mais em sintonia com a missão itinerante do primeiro cristão, e mais vinculado com a vida das comunidades. Sendo assim, não é difícil inferir que, a partir da oitava Bem-aventurança (Mateus 5,10-12) se tratasse da vida da própria comunidade mateana desde os signos proféticos vivenciados em “nome de Jesus”, e por isso mesmo perseguidos, insultados e blasfemado.

Considerações

As Bem-aventuranças em Mateus oferece à comunidade receptora a possibilidade de viver a plenitude do projeto de Jesus Cristo, onde, a partir do seu contexto histórico-humano pode-se viver as virtudes do Evangelho. A felicidade consiste, então, em acreditar na promessa de ser consolado, de receber por herança a terra, de ser saciado, de alcançar a misericórdia, de ver a Deus e de ser chamados filhos de Deus. Essa esperança escatológica é parte inerente do presente, pois a promessa do “Reino dos Céus” para eles se realiza no “hoje da comunidade”, apesar das perseguições e das calúnias experimentadas. As Bem-aventuranças no sermão da montanha se constituem como uma diretriz ética, que os discípulos e a multidão estão convidados a observar e viver no cotidiano da vida. Na “montanha” esses ensinamentos encontrarão sua legitimação, e a partir do momento em que Jesus “abre sua boca e começa a ensinar” se estabelece um “novo tempo” para a comunidade e que ecoa sua mensagem para a vida cristã na contemporaneidade.

Referências

- Bergant, D., y Karris, R. J. (org.). (1999). *Comentários Bíblicos*. São Paulo: Loyola.
- Bíblia de Jerusalém. (2002). São Paulo: Paulus.
- Carter, W. (2002). *O Evangelho de São Mateus*. Comentário Sócio-político e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus.
- Dupont, J. (1993). *El Mensaje de las Bienaventuranzas*. Estella: Verbo Divino.
- Galilea, S. (1980). *A Igreja das Bem-Aventuranças*. São Paulo: Paulinas.
- Harris, R. L., Archer, G. L. Jr., y Waltke, B. K. (1998) *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova.
- Jeremias, J. (1976). *O Sermão da Montanha*. São Paulo: Paulinas.
- La Santa Biblia. Revisión de 1960. (1994). Nashville: Broadman & Holman Publishers.
- Luz, U. (1993). *El Evangelio segun San Mateo: Mt 1-7*. Salamanca: Sigueme.
- Schokel, L. A. (1997). *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus.
- The Greek New Testament. (1994). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.